

# Orçamento de 92 mantém a saúde em estado grave

LAURA ANTUNES E  
RODRIGO FRANÇA TAVES

Os hospitais públicos estaduais deverão atravessar o ano nas mesmas condições caóticas que levaram o Conselho Regional de Medicina (Cremej) a ameaçar interdita-los. O orçamento do estado para 1992, já aprovado na Assembléia Legislativa, destina apenas 2,6 por cento dos recursos à Secretaria estadual de Saúde, verba insuficiente para qualquer investimento na rede hospitalar. A Conferência Estadual da Saúde, realizada em outubro, alertou que o setor deveria receber 13 por cento da receita do estado e o Sistema Unico de Saúde prevê um investimento de pelo menos 10 por cento.

A notícia não surpreende os representantes das instituições médicas do Rio. O presidente do Cremej, Laerte Vaz de Mello, diz que a saúde está longe de ser uma prioridade do governo Brizola. O coordenador de fiscalização do Conselho Regional de Farmácia, Raslam Abbas, desafia o estado a apresentar pelo menos um plano de investimentos na recuperação dos hospitais, o que demonstraria seu interesse pelo setor. O presidente do Sindicato dos Médicos, Mauro Brandão, diz que a Secretaria de Saúde está completamente omissa na questão da decadência

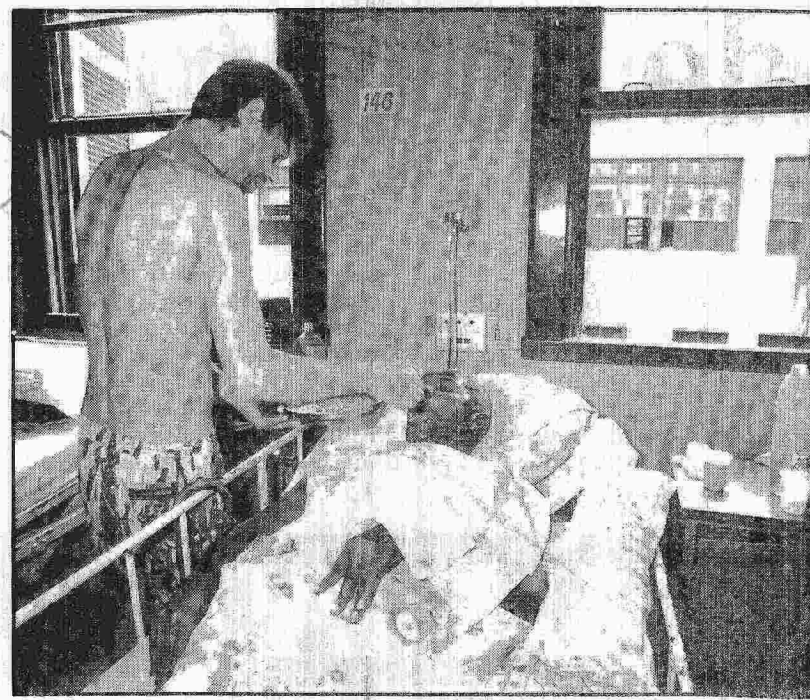
da rede pública, e adverte que a tendência é a população perder o que resta de assistência pública.

— O Governo do estado, se quisesse, poderia fazer uma Linha Vermelha na saúde. Poderia lutar por recursos do Banco Mundial, brigar por financiamentos do Governo federal, assumir a dianteira na municipalização da saúde, tratar a questão como fundamental para sua administração — afirma Laerte Vaz de Mello.

A presidente da Comissão de Saúde da Assembléia, deputada Rose de Souza (PT), lamenta que tenham sido derrubadas quase todas as emendas que elevariam de 2,6 por cento para 9,9 por cento os recursos para saúde no orçamento de 92. Uma das emendas rejeitadas, por exemplo, daria Cr\$ 9 bilhões (em valores de junho) para a recuperação das emergências.

O secretário estadual de Saúde, Pedro Valente, admite que o orçamento do estado para o setor é “muito abaixo do que se imaginava como ideal”, mas lembra que as obras de saneamento básico e o atendimento médico-escolar também significam saúde, e afirma que no conjunto das atividades de saúde o estado está aplicando 10 por cento de seus recursos.

— Pela primeira vez em 15 anos está se investindo nos hospitais — garante Valente.



Na falta de pessoal, pacientes se encarregam de alimentar outros doentes



Enfermarias lotadas e atendimento precário: uma triste rotina nos hospitais